

A LIBERDADE ESTÉTICA DE SCHILLER NA PEDAGOGIA WALDORF

Jonas Bach Junior¹

Tania Stoltz²

Marcelo da Veiga³

RESUMO

Este artigo analisa a influência de Schiller na concepção de liberdade da Pedagogia Waldorf. A questão da liberdade coloca o próprio eu como objeto. Steiner investiga - inspirado em Schiller - uma forma de conhecimento seguro onde a vontade, livre de determinismos, possa se expressar. A disposição estética da mente torna-se o meio de superação de unilateralidades. Os impulsos da matéria e da forma são limitações humanas. O estado lúdico é a expressão do verdadeiro ser humano. A concepção da liberdade estética estabelece o desafio de uma conciliação entre o ser humano ideal e temporal. O determinismo da dualidade só é superado num terceiro estado, que se torna fenômeno a partir de um posicionamento efetivado pelo indivíduo. O estado estético da consciência humana transcende a sensibilidade e a razão, é uma capacidade nova e que precisa ser adquirida. A concepção de um ser ideal em cada ser humano inspirou Steiner na fundamentação da Pedagogia Waldorf. Para os docentes Waldorf, a autoeducação torna-se o meio para se alçar níveis superiores de relação com a realidade. A autoeducação é a tradução prática dos fundamentos teóricos encontrados no pensamento schilleriano.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf, educação estética, liberdade

Este artigo apresenta as influências de Friedrich Schiller (1759-1805) sobre o pensamento de Rudolf Steiner (1861-1925) para sua concepção de liberdade na Pedagogia Waldorf. O conceito de liberdade é desenvolvido em sua principal obra filosófica, *A Filosofia da Liberdade* (STEINER, 2000), a partir da elaboração de uma fenomenologia estrutural, até chegar ao delineamento do

1 Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná e Alanus Hochschule, com bolsa sanduíche pelo programa Capes/DAAD. E-mail: jonasbachjr@yahoo.com.br

2 Doutora em Educação pela PUC-SP e pós-doutora pelos Archives Jean Piaget da Universidade de Genebra. Realizando pós-doutorado na Alanus Hochschule, Alemanha, com bolsa CAPES, processo BEX.1056/11-5. Professora Associado II da UFPR.

3 Doutorado em Filosofia pela Universidade de Duisburg. Reitor da Alanus Hochschule. E-mail: mdv@alanus.edu

individualismo ético. Todos os conceitos que servem de suporte à compreensão de liberdade estão numa relação de complexidade. É dessa constelação de conceitos inter-relacionados que se forma a noção conceitual global.

A questão da liberdade coloca o próprio eu como objeto. Um “*pathos pela liberdade individual*” presente em Schiller extravasou no pensamento steineriano (RAVAGLI, 1993, p.232). Ao lado da questão da liberdade está a problemática do mal. Segundo Hartmann (1980, p.70), Schiller conhecia os mistérios das tendências humanas para o mal e desenvolveu um processo cognitivo que insere a superação desta questão pelo espírito. Entretanto, Steiner não concordou com Schiller em relação a um poder especulativo do espírito fora da experiência sensorial (SIJMONS, 2008, p.47). Para Steiner, então, os conceitos e ideais morais são as leis que determinam o agir humano, mas só quando o ser que atua compreendeu, pela cognição, a essência do seu agir, ele é senhor de sua própria ação. Sem a compreensão da ação, esta é sempre realizada com uma força alheia à individualidade. A liberdade está na ação realizada pelo ser que encontrou a lei dentro de si próprio.

A essência da natureza é o fato de a lei e a atividade estarem separadas, parecendo que esta é dominada por aquela; a essência da liberdade, ao contrário, é o fato de ambas coincidirem, sendo que o efetivante se realiza imediatamente no efeito e o efetivado se regula a si mesmo. (STEINER, 2004, p. 100).

Para explorar a questão da liberdade, Steiner (2000) estabelece em seus fundamentos uma investigação da existência, ou não, de uma forma de conhecimento seguro onde a vontade, livre de determinismos, possa se expressar. A compreensão do âmbito da liberdade humana e de sua concretização está fundamentada em uma gnosiologia ativa, numa teoria prática do conhecimento, que partiu da discussão schilleriana sobre o estado estético da consciência. O estado da consciência que Steiner explorou para revelar a essência das coisas é um desdobramento do estar “em unidade com a lei natural objetiva” formulado por Schiller (HEUSSER, 2011, p.51).

A LIBERDADE ESTÉTICA EM FRIEDERICH SCHILLER

A questão da liberdade estética de Schiller deixou diretrizes tanto para o campo filosófico quanto para o pedagógico. Em Schiller, a arte é vista como instrumento de elevação do ser humano acima da realidade. Conhecer as leis da arte é adentrar na regência do espírito. O objeto da arte no pensamento schilleriano não é somente o som, as cores, a palavra poética, a matéria. Seu conceito é amplo, abrange o próprio ser humano. A realização de uma biografia, ou mesmo a história, é um objeto cuja plasticidade pode ter um olhar artístico. Por isso, a experiência moral é fenômeno de construção criativa e o ato moral é um ato belo. A versão materialista da arte, cujo paradigma é o utilitarismo, distorce sua verdade submetendo-a a meio de manipulação e distração, ou tornando-a também serva de interesses econômicos. Como reconhecer o cunho espiritual da arte se o belo não é um conceito da experiência? O belo, em sua pureza, só existe como conceito ideal; dentro da realidade o belo é incompleto. É a incompletude do belo que abre à perspectiva do seu complemento. Em seu caráter inconcluso, está sua dimensão de melhoramento. O espírito artístico, então, expressa uma postura de enobrecimento da realidade. Ele trabalha no sentido de tornar o seu material, que se encontra sempre num determinado estado, algo mais próximo do belo idealizado. Enobrecer significa direcionar para a ideia de beleza. A perfeição absoluta é uma abstração, na concretude da realidade ela só pode ser assumida como tarefa perenemente inacabada.

O impulso puro é dirigido para o absoluto, para ele não existe tempo, o futuro torna-se presente tão logo tenha de decorrer necessariamente do presente. Para uma razão sem limites a direção já é a perfeição, e o caminho está percorrido, tão logo comece a ser trilhado. (SCHILLER, 1990, p.55)

O belo como parâmetro para a vida humana torna esta uma obra de arte e o ser humano o material a ser trabalhado. O belo e o ser humano, enquanto ideia, são indivisíveis. A coesão ideal é o grau de pureza e orienta os julgamentos nos casos reais. Para os ideais schillerianos, buscar o conceito puro é obter a nitidez da meta

para ultrapassar a realidade e guiar-se pela veracidade. A ideia de humanidade é eterna e una, um ser humano é um exemplar parcial desse ideal. Nesta parcialidade está seu aspecto inacabado. "Todo homem individual, pode-se dizer, traz em si, quanto à disposição e destinação, um homem ideal e puro, e a grande tarefa de sua existência é concordar, em todas as suas modificações, com sua unidade inalterável" (SCHILLER, 1990, p.32). Parece um paradoxo destinar-se a algo que já se dispõe; porém, a meta de ser e estar em unidade consigo, na vida material e temporal, está sempre sujeita à dualidade, por isso, a unidade previamente disposta, perdida no transcorrer existencial, é possível de ser resgatada. Só que o tempo realiza novas rupturas da unidade original e o viver é significativo enquanto recuperador dessa condição. Na unidade, o estado existencial efêmero de um ser é condizente com sua essência permanente. Esta é fundamentada em si mesma, não é resultado do tempo e da transformação; mas sem o tempo, a individualidade não seria um fenômeno. Quando o estado, que é uma condição no tempo, coincide com o ser perene fundamentado em si mesmo, tem-se uma unidade, a liberdade, que é a realidade de acordo com a necessidade. Quando o estado não coaduna com o essencial do ser, há uma dualidade onde a realidade e o necessário se contrapõem.

No eterno desvenda-se o segredo da individualidade. "A pessoa, que se revela no eu, quer perdurar eternamente, e só nele, não pode vir a ser, não pode começar no tempo, porque, inversamente, é nela que tem início o tempo, pois algo que perdue tem de repousar como fundamento da alternância" (SCHILLER, 1990, p.64). Entretanto, essa revelação só está completa com a complementaridade do caráter efêmero, que desvenda o eterno justamente através da sucessão. Pois sem o tempo (vir a ser), o ser humano "nunca seria um ser determinado; sua personalidade existiria enquanto disposição, mas não de fato. Somente pela seqüência de suas representações o eu que perdura torna-se fenômeno para si mesmo".

Na disposição humana, encontra-se seu estado, que é resultado efêmero de um processo de modificações no tempo. É o aqui e agora do indivíduo. Como referência ao conhecimento de si mesmo, é o ponto de partida e o objeto a ser transformado. Em sua destinação, encontra-se a sua essência e a meta de sua existência, a fonte que cunha os valores para suas ações. É o sempre e o em todo lugar da individualidade. Como referência à realização de si próprio, é o ponto

de chegada. A unificação entre o ser temporal e o ser ideal define o caminho a ser seguido, estabelece uma orientação do primeiro em direção ao último. Esse direcionamento ao ideal recebe em Schiller o caráter de enobrecimento do ser humano, que significa uma assunção de si como obra. O artista do humano é uma escultura que modela e esculpe-se a si própria, a partir da essência interna, que é o seu parâmetro objetivo.

Transformar-se guiado pelo seu ideal puro significa superar a sua subjetividade e transcender a ilusão e o arbítrio. Tornar a vida uma obra de arte é um esforço para manifestar o ideal através da conjugação entre dois âmbitos opostos, entre o ser e o vir a ser, entre como se está (como se encontra) e o que se é (deve ser), entre a possibilidade e o necessário. O requisito de empenho é porque as representações de um indivíduo, se abordadas passivamente, permanecem na esfera da subjetividade. O empenho é uma postura autodeterminante de vinculação dos pensamentos ao “necessário e eterno”, ao conceito do ser, para orientar os julgamentos na realidade.

Essa dinâmica entre o ideal e o temporal, que configura os estados de consciência humana, serviu de base para o trabalho de Steiner (2006, p. 68): “Eu recebi um forte incentivo mediante a leitura das ‘Cartas sobre a educação estética do homem’, de Schiller. A indicação de que a consciência humana como que oscilaria entre vários estados tinha uma ligação com a imagem que eu formara da atividade e da trama interiores da alma humana”. O estado de consciência humana varia conforme o predomínio das forças dos sentidos ou das forças da razão. Nestas, os impulsos almejam formatar a lei na realidade, dar conformidade à matéria segundo os princípios da inteligência. Naquelas, o tempo tem conteúdo preenchido pelas sensações, o ser está preso ao aspecto sensível e material da existência.

Schiller buscou um estado de consciência que transcendesse os determinismos. Em qualquer predomínio unilateral dos impulsos da matéria e da forma (os dois estados de consciência), o indivíduo é um ser sem liberdade, completamente determinado por essas forças. No predomínio do impulso sensível, o sujeito é uma derivação do tempo, o seu conteúdo é reflexo passivo das impressões que são transformações temporais. O seu âmbito individual, nesta condição, não tem conteúdo próprio. Ele apenas está no lugar, mas não consegue

ser no lugar. Para um indivíduo ser, portanto, sua personalidade não deve estar anulada. Senão, ele é um indivíduo vazio, sem vibração, sem conteúdo. O extremo oposto também obnubila a existência. A atuação da inteligência ganha ares de tirania quando ela adota seus princípios sobre o mundo de modo radical, inflexível ou absolutista. Nesta rigidez que tenta submeter todas as impressões às regras racionais, prejudica-se a intuição e os sentimentos. Ao querer ser apenas forma, o indivíduo perde a forma e ao anular os seus estados, anula também sua personalidade.

Schiller (1990, p.71) ressalta o aspecto aparentemente antagônico entre as consciências sensível e formal, onde a primeira quer sempre a modificação e a segunda, unidade. Por um lado, são antagônicos, mas por outro, são complementares. Em sua complementaridade, elas estabelecem uma relação de reciprocidade, de mútua determinação. Neste sentido, uma está subordinada à outra. Pelo princípio da simultaneidade, elas “estão em ação recíproca: sem forma, não há matéria; sem matéria, não há forma” (SCHILLER, 1990, p.72). Como solução, Schiller indica um terceiro estado de consciência que comporta a unificação desses dois pólos opostamente complementares. Nesta unificação, ambos estão simultaneamente ativos. Unificar, trazer à unidade, significa a capacidade de conjugar os opostos pelo princípio da simultaneidade e não estabelecer qualquer unilateralidade. Nos extremos unilaterais, ou o caráter da vida torna-se “selvagem”, onde toda a sensibilidade não tem forma e o comportamento humano é sem regras, ou ele torna-se “bárbaro”, onde a razão é abstrata porque está sem contato com o mundo e impõe a tudo suas regras.

Na simultaneidade dos opostos intensificam-se ambos os impulsos. Pelas forças dos sentidos, tem-se a maior diversidade de percepções, sua atividade quer dizer riqueza do horizonte das impressões. Quanto maior a amplitude e a diversificação, mais extensa e variável é a consciência sensível. Pelas forças da razão, tem-se uma conquista da autonomia da personalidade que consegue configurar o mundo, pois dá forma ao que está além de si de acordo com o seu conteúdo. Quanto maior a liberdade e a intensidade, mais forte e profunda é a consciência racional.

Quando as duas qualidades se unificam, o homem conjuga a máxima plenitude de existência à máxima

independência e liberdade, abarcando o mundo em lugar de nele perder-se e submetendo a infinita multiplicidade dos fenômenos à unidade de sua razão. (SCHILLER, 1990, p.73)

Esta conciliação entre as duas naturezas complementarmente antagônicas compõe a ideia de humanidade, que somente é conquistada na totalidade do decurso existencial e por aproximação. O empenho em estabelecer a simultaneidade, uma vez que ela não é gratuita, é o cultivo desse ideal. A força que conjuga os extremos é denominada por Schiller de impulso lúdico, que desenvolve a disposição estética da consciência humana, que não está coagida nem pela natureza, nem pela inteligência. Na concepção schilleriana, a verdadeira essência do ser humano só é possível de ser apreendida por essa disposição estética da mente humana, que pela harmonização entre opostos conflitantes, consegue unificar a mutabilidade com a identidade. O caráter sincronicamente duplo do estado estético, entre vida e forma, é expresso pelo termo impulso lúdico. O ser humano "somente é homem pleno quando joga" (SCHILLER, 1990, p.84). Isto é, quando está em equilíbrio dinâmico. Entretanto, este equilíbrio não significa que as forças opostas se misturam. Pelo contrário, é o desafio da cultura e da vida individual resguardar cada âmbito da interferência do antagônico.

Nesta ação recíproca, há uma mútua constrição. O estado estético é uma disposição mental nova, quando vem à existência é por uma questão de afirmação da humanidade do sujeito. As sensações e os pensamentos são completamente distantes. O estado estético liga ambos, primeiramente, distinguindo-os em suas naturezas e mantendo-os ativos e, em segundo lugar, suprimindo a oposição para que se origine este terceiro estado.

A mente, portanto, passa da sensação ao pensamento mediante uma disposição intermediária, em que sensibilidade e razão são simultaneamente ativas e por isso mesmo suprimem mutuamente seu poder de determinação, alcançando uma negação mediante uma oposição. Esta disposição intermediária, em que a mente não é estrangida nem física nem moralmente, embora seja ativa dos dois modos, merece o privilégio de ser chamada uma disposição livre, e se chamamos o físico

o estado de determinação sensível, e lógico e moral o de determinação racional, devemos chamar estético o estado de determinabilidade real e ativa. (SCHILLER, 1990, p. 106-107).

O estado estético deixa um espaço aberto com a constrição recíproca dos estados conflitantes, uma vez que o sujeito não está ocupado por nenhuma necessidade sensível e por nenhum imperativo lógico. Este espaço interno é o instante de liberdade interior e de abertura à genuína vontade. A referência ou orientação desse estado autodeterminante está fundamentado em si próprio. Na disposição estética, o valor e a finalidade da vida do ser humano apresentam-se indefinidos até que ele mesmo faça de si o que quiser e os determine.

A questão dos estados de consciência é a principal influência sobre Steiner. Além disso, os tópicos schillerianos da lei da unidade do agir e conhecer humanos (SCHILLER, 1990, p.102), do valor da vida determinado pelo próprio sujeito (*id*, p. 110), da subjetividade inicial do indivíduo a ser superada (*id*, p.105) e da ideia de humanidade como meta da existência e liberdade (*id*, p.77), serviram de inspiração ao debate steineriano sobre a liberdade humana.

Esses pensamentos de Schiller me atraíam. Eles alegavam que primeiramente se deveria ter uma certa disposição de consciência para obter uma relação com os fenômenos do mundo que correspondesse à entidade humana. Com isto me fora dado algo que conduzia a uma maior nitidez às questões que me eram propostas pela observação da natureza e a vivência do espírito. Schiller falou do estado de consciência que deve existir para se vivenciar a beleza do mundo. Será que também não se poderia pensar num estado de consciência que transmitisse a verdade na essência das coisas? (STEINER, 2006, p. 69)

Na investigação por um estado de consciência que permitisse ao sujeito cognoscente a apreensão da essência dos objetos, Steiner percorre um caminho distinto de Schiller. Para este, o estado de equilíbrio concatena o sensorial e o espiritual proporcionando a liberdade. Para aquele (STEINER, 2006, p.302), o modo de pensar

schilleriano era "repleto de espírito, porém, muito simplista para a verdadeira vida da alma". Então, Steiner vai buscar a conciliação da consciência consigo mesma por um outro caminho. Em ambos, a liberdade é questão central e essencial da vida humana. Enquanto em Schiller, o destino da humanidade era realizar o homem ideal, em Steiner essa concepção da sina humana se torna a realização do espírito livre. Na concepção steineriana, o homem ideal se completa com a concretização do conceito de espírito livre. Entretanto, na acepção schilleriana, o ser humano e o belo estariam sempre divididos na experiência e como ideia permaneceriam absolutamente puros. Steiner, neste ponto, não aceita esta dicotomia e encontra maior afinidade com a concepção de Goethe de que a ideia, tanto no conceito quanto na realidade, possui graus diferenciados entre a sutil e a plena expressão. Ou seja, a divisão é somente uma condição inicial e apresenta um paralelo entre a questão do conhecimento e a questão moral. Ambas encontram-se de antemão fragmentadas no indivíduo, o conceito (a ideia moral) está separado da percepção (do fato) num primeiro momento. O ato concatenador desses dois pólos acontece num segundo momento, exclusivamente por vontade mental do indivíduo.

A lei da unidade entre o conhecimento e a ação moral foi desenvolvida por Steiner em seu doutorado, nas obras a respeito de Goethe e como fundamento da primeira e segunda parte de *A Filosofia da Liberdade*. A consciência estética schilleriana, como impulso que se origina somente de uma atribuição individual, insere o inédito no devir humano, é um elemento de transformação da existência. A conciliação da consciência consigo mesma é um fator evolucionário da condição humana e se tornou o objetivo principal do doutorado de Steiner (2006, p. 148).

A pesquisa steineriana pela autoconsciência genuína tem como meta estabelecer com clareza e nitidez a manifestação objetiva da autêntica individualidade. O querer humano, para ser despertado com segurança, requer antes que no pensar haja essa base para a certeza. A arbitrariedade da vontade precisa ser superada da mesma forma que a ilusão nos pensamentos.

Schiller (1990, p. 102) já havia discutido a vontade como um poder humano de fundamentar a realidade, porém, ela é involuntária – não está sob o domínio do sujeito – quando atende a uma necessidade externa que afeta e conforma o estado do sujeito,

ou quando atende ao imperativo lógico onde este se confronta com as impressões. A indicação schilleriana de que a fonte segura para se obter a universalidade e pureza dos conceitos estaria no supra-sensível norteia a pesquisa steineriana. O conteúdo do querer humano só é legítimo e objetivamente vinculado à individualidade quando esta extravasa a sua humanidade. Então, antes de justificar a liberdade interior da vontade, o fundamento primeiro é a sua origem na verdadeira autoconsciência.

Quando o indivíduo encontra a si mesmo como objeto na consciência, a primeira forma que se manifesta é incompleta, se ele depender de representações comuns. Se este estado desinteressado permanece, a incompletude mantém-se. A liberdade se manifesta no ser completo. A completude pressupõe um estado de determinabilidade do sujeito, é ele quem se autocomplementa. A ideia de liberdade estética reside na passagem de um estado de inércia na sensibilidade ou de determinação passiva da personalidade para um estado autonomamente ativo do pensar e do querer. Entretanto, a disposição estética da mente é um vazio, não há conteúdo nela de certeza ou decisão e Schiller (1990, p. 118-119) crê justamente que nesse estado o conceito puro se revela imediatamente ao entendimento e a lei à vontade. Então, ele encaminha suas conclusões para os princípios kantianos, onde o juízo individual deve ser guiado pelo juízo da espécie, que tem sua base na razão genérica. Neste ponto, Steiner é de posição contrária. O individualismo ético é o desenvolvimento de uma capacidade – superior à razão – em adquirir consciência individual dos impulsos morais.

Outro ponto a ser ressaltado é que Steiner absorveu muito mais o modo de pensar schilleriano do que adotou de maneira fixa suas proposições. A teoria do conhecimento fenomenológica steineriana tem como conteúdo ou tema o modo de observação goetheana da natureza, mas o método é o modo de observação schilleriano sobre o espírito de Goethe (STEINER, 2004, p. 29). O idealismo objetivo steineriano é estruturado pelo acesso ao mundo das ideias sem perder o vínculo ao mundo dos sentidos. A acessibilidade torna-se possível quando se liberta a aparência da realidade. A aparência, como aspecto subjetivo da realidade, é uma necessidade do desenvolvimento humano. "A realidade das coisas é obra das coisas; a aparência das coisas é obra do homem, e uma mente que aprecia a aparência já não se compraz com o que recebe, mas com o que

faz” (SCHILLER, 1990, p. 134). Esta noção de que a aparência não pertence à realidade, é o ser humano que a cria e só ele mesmo a supera, embasa também as reflexões steinerianas. A verdade essencial das coisas não poderia ser imediatamente revelada, pois é necessário primeiramente o distanciamento para gerar um anseio pelo conhecimento. É a força do anseio por reaproximação que determina o desenvolvimento da cultura. A subjetividade da aparência é etapa intermediária para a verdade. “É a própria natureza que eleva o homem da realidade à aparência, já que o dotou de dois sentidos que somente pela aparência podem conduzi-lo ao conhecimento do real” (SCHILLER, 1990, p.135). Porém, a aparência divide-se em dois aspectos: da aparência estética que se distingue da verdade e da realidade e a aparência lógica, que se confunde com ambas. Nesta, há o engano e o intelecto interpreta tudo por mera aparência. Naquela, há o jogo que não substitui a verdade pela aparência, a essência é aparência. Em sua versão positiva, a aparência serve ao ideal. Na versão negativa, ela simula a realidade e torna-se instrumento para fins materialistas. A aparência, positivamente usada, oferece a imagem livre das impressões exteriores. A fantasia humana atua como capacidade criadora sem os impeditivos ou limites externos. “Somente ao libertar-se da realidade, a força criadora pode atingir o Ideal; para que possa agir segundo suas próprias leis em sua qualidade produtiva, a imaginação deverá ter-se libertado das leis estranhas durante sua atividade reprodutiva” (SCHILLER, 1990, p. 141). A livre atividade imaginativa é o suporte de acesso ao mundo ideal, no impulso estético ela não está isolada do mundo físico. Procura objetos não para ser conformado por eles, mas para que possa atuar sobre eles. Schiller expressa a criação de uma nova capacidade humana, a faculdade de ideias como potencial de legislação interna e autônoma.

Percorrer o processo de reflexão das Cartas schillerianas é inserir-se numa crítica cultural que funda os primórdios de um posicionamento extemporâneo, ou seja, que estabelece a intenção de transcender os limites da modernidade ou de desviar-se de suas negatividades. Esta crítica às tendências da cultura moderna coloca uma esperança na remissão do indivíduo à sua humanidade. No social, no modo coletivo de ser moderno, está incorporado um *modus vivendi* reducionista, que exclui a gama ampla e abrangente do conceito do humano. A sociedade torna-se um problema pois – enquanto modelo

para o particular – ela enveredou pelo viés pragmático e utilitarista, impondo um regime unidimensional à racionalidade, destituindo o calor fundamental das relações e roubando o sentido da vida. Na corrida pelo ganho, o tempo que sobra tem validade como fruição fugaz, supérflua e insaciável. A cultura moderna é vista como produtora de uma escravidão apaziguada e conformada. Há uma barganha no lugar do chicote. Não apela para a obrigatoriedade, usa as artimanhas da persuasão. A civilização como o reino do conforto e das promessas de um paraíso terrestre oferece trabalho fragmentado – atualmente ameaçado pela robotização e pela informatização – em troca da satisfação de desejos. O espírito crítico schilleriano captou a letargia cultural na ascensão do industrialismo. Quanto à fragmentação do indivíduo, à degeneração das relações humanas, ao espírito utilitarista e à falsificação da realidade, se eram problemas emergentes em sua época, estes possuem na pós-modernidade desdobramentos com proporções desconhecidas. Como solução a essa corrente cultural desenfreada, ora nos extremos da selvageria, ora nos da barbárie, há a colocação afirmativa realizada pelo indivíduo no sentido de estabelecer um terceiro nível de consciência.

CONCLUSÃO

A disposição estética da mente torna-se o meio de superação de unilateralidades. Assumi-la é incorporar um modo não-convencional de ser. Ela não está previamente instituída, passa a ser realidade via determinabilidade ativa. Não é o social, nem o cultural, nem a natureza humana que gratuitamente trazem à disposição o modelo dessa capacidade transcendente. Projeta-se a oportunidade e a possibilidade dessa capacidade no campo individual. Porém, neste, há também as versões negativas do individualismo (subjetivismo e exclusivismo). No entanto, as reflexões schillerianas exploram uma capacidade humana inaudita, pois “sem interferência de uma faculdade nova e autônoma é eternamente impossível que do individual surja algo universal, que do contingente surja o necessário” (SCHILLER, 1990, p.100).

A busca pela essência da humanidade perpassa sua integralidade. O sistema de pensamentos que parte de esquemas rígidos logra em seus intentos, mesmo nesta tentativa de apreensão do integral. Uma dificuldade em absorver as asserções schillerianas está em seu caráter

assistemático e “produtivamente eclético” (BOLLENBECK, 2006, p. 35). Não é dentro de uma obviedade empírica, nem das conclusões lógicas, que ele aponta os caminhos para a aquisição dessa nova capacidade. Ao mesmo tempo que é solução, é um problema, pois é desconhecida. Não se sabe previamente se a conquista é questão de privilégio, se requer nuances do dom, ou se é fruto de puro mérito. Se questiona-se por sua realização concreta na vida, a resposta é a sua raridade, pois o anseio por essa transcendência, como afirma Schiller (1990, p. 145), só há “nas almas de disposição refinada” e como fato, “somente em alguns poucos círculos eleitos”. É mais fácil discursar sobre os seus bloqueios estruturais do que investigar sua probabilidade.

O que se pode destacar de um aproveitamento das Cartas nas obras steinerianas é o estímulo à pesquisa por um outro processo que torne acessível esta nova capacidade. Além disso, a importância do desenvolvimento do ser cultivado, da formação do gosto e dos sentimentos são cruciais na educação. O estímulo à imaginação como atividade independente e com fim em si mesma é um dos componentes de um exercício para a liberdade. Ele pode ser compreendido como preparo para funções superiores da existência. “Desse jogo da livre sequência das ideias, de natureza ainda inteiramente material e explicado por meras leis naturais, a imaginação dá o salto em direção ao jogo estético, na busca de uma forma livre” (SCHILLER, 1990, p. 141).

A concepção da liberdade estética estabelece o desafio de uma conciliação entre o ser humano ideal e temporal. O determinismo da dualidade só é superado num terceiro estado, que se torna fenômeno a partir de um posicionamento efetivado pelo indivíduo. O estado estético da consciência humana transcende a sensibilidade e a razão, é uma capacidade nova e que precisa ser adquirida. A concepção de um ser ideal em cada ser humano inspirou Steiner na fundamentação da Pedagogia Waldorf. Esta filosofia da educação considera o fenômeno de desenvolvimento humano da criança também sob a perspectiva deste ser humano ideal, presente em cada aluno (SAßMANNNSHAUSEN, 2008, p.34). O ser humano temporal encontra, então, para realização do ser ideal, fases de desenvolvimento que, na Pedagogia Waldorf, são subdivididas em períodos de sete anos (setênios). A liberdade estética de Schiller inspira a fundamentação antropológica da Pedagogia Waldorf

vinculando a ideia de ser humano ao fenômeno real e concreto no contexto pedagógico. Para os docentes Waldorf, a autoeducação torna-se o meio para se alcançar níveis superiores de relação com a realidade (BACH JR, 2012, p.117-126). A autoeducação docente que busca criar um estado que transcende os impulsos da matéria e da forma é a tradução prática dos fundamentos teóricos encontrados no pensamento schilleriano.

THE AESTHETIC FREEDOM OF SCHILLER IN THE WALDORF EDUCATION

ABSTRACT

This paper analyzes the influence of Schiller's conception of freedom in the Waldorf education. The issue of freedom places the self as an object. Steiner research - inspired by Schiller - a form of secure knowledge where the will, free of determinisms, can express itself. The aesthetic disposition of the mind becomes the way of overcoming the one-sidedness. The impulses of matter and form are human limitations. The play-impulse is an expression of true human being. The concept of aesthetic freedom provides the challenge of reconciling the human being between ideal and time. The determinism of duality is only surpassed in a third state, which becomes a phenomenon with a position effected by the individual. The aesthetic state of human consciousness transcends sensibility and reason, is a new capability that must be acquired. The conception of an ideal in every human being inspired Steiner in the fundamentals of Waldorf Education. For Waldorf teachers, the self-education becomes the way to achieve higher levels of relationship with reality. The self-education is the practical translation of the theoretical foundation found in the Schillerian thought.

Keywords: Waldorf education; aesthetic education; freedom.

REFERÊNCIAS

BACH JR., Jonas. *A Pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner*. Curitiba, 2012. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Paraná.

A liberdade... - Jonas Bach Jr., Tania Stoltz e Marcelo da Veiga

BOLLENBECK, Georg. La función constitutiva de la crítica cultural para las Cartas sobre la educación estética de Schiller. In: ROHLAND de LANGBEHN, Regula. *Anuario argentino de Germanística: homenaje a F. Schiller a los 200 años de su muerte.* / Regula Rohland de Langbeh; Miguel Vedda; Marcelo Burello – 1ª ed.- Buenos Aires: AAG- Asociación Argentina de Germanistas, 2006.

HARTMANN, Georg. *Lebenswege: Bilder aus der Geistesgeschichte der Menschheit im Zeitalter der Bewusstseinsseele.* Dornach (Suíça): Philosophisch-Anthroposophischer Verlag, 1980.

HEUSSER, Peter. *Anthroposophische Medizin und Wissenschaft: Beiträge zu einer integrativen medizinischen Anthropologie.* Stuttgart (Alemanha): Schattauer, 2011.

RAVAGLI, Lorenzo. *Pädagogik und Erkenntnistheorie: Auseinandersetzungen um die Grundlagen der Waldorfpädagogik.* Stuttgart (Alemanha): Verlag Freies Geistesleben, 1993.

SABMANNSHAUSEN, Wolfgang. *Waldorf-Pädagogik auf einen Blick: Einführung für den Kindergarten.* Freiburg im Breisgau: Verlag Herder, 2008.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem: numa série de cartas.* São Paulo: Iluminuras, 1990.

SIJMONS, Jaap. *Phänomenologie und Idealismus: Struktur und Methode der Philosophie Rudolf Steiners.* Basel (Suíça): Schwabe Verlag, 2008.

STEINER, Rudolf. *A filosofia da liberdade: fundamentos para uma filosofia moderna: resultados com base na observação pensante, segundo método das ciências naturais.* São Paulo: Antroposófica, 2000.

_____. *O método cognitivo de Goethe: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana.* São Paulo: Antroposófica, 2004.

_____. *Minha vida: a narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia.* São Paulo: Antroposófica, 2006.

Recebido em: maio 2012

Publicado em: julho 2012